

A liberdade de expressão sob a ótica de Rafinha Bastos: uma análise do audiovisual

“*Je Suis Charlie e eu*”¹

Amanda Gabrielle Araújo Amorim da SILVA²

Liziane ANDRÉ³

Carolina Fernandes da Silva MANDAJI⁴

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

O discurso do sujeito não estagna e nem se fecha para diferentes atribuições e interpretações ao longo do tempo. Partindo dessa premissa, o objeto midiático do artigo é o vídeo do comediante Rafinha Bastos, intitulado “Je suis Charlie e eu”, postado 10 de janeiro de 2015, no YouTube. No audiovisual, ele questiona a incoerência da opinião pública a respeito de dois fatos (o apoio aos cartunistas do jornal satírico “Charlie Hebdo” e o repúdio à piada sobre a cantora Wanessa) ligados ao tema: liberdade de expressão. Para o estudo, optou-se pela análise do discurso, postulando teórico que propõe a identificação de elementos linguísticos de uma argumentação, e numa busca que vai além da palavra escrita e/ou proferida, retoma e dá mote a novos discursos. O estudo baseou-se nas teorias de M. Pêcheux e M. Foucault, e nos textos de Eni Puccinelli Orlandi e Rosa Maria Bueno Fischer.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação, audiovisual, discurso, liberdade de expressão, Rafinha Bastos.

INTRODUÇÃO

Em seu canal no YouTube, no dia 10 de janeiro de 2015, o comediante brasileiro, Rafinha Bastos comentou sobre o movimento *Je Suis Charlie* no vídeo “Je Suis Charlie e eu”, um audiovisual de 3 minutos e 39 segundos. Bastos analisou o posicionamento popular em relação à liberdade de expressão em dois momentos diferentes. O primeiro, o atentado

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Bacharelado em Comunicação Organizacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, email: amanda.amorim27@gmail.com

³ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Bacharelado em Comunicação Organizacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, email: liziane.ak@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Bacharelado em Comunicação Organizacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, email: cfernandes@utfpr.edu.br

ao jornal satírico francês *Charlie Hebdo* que vitimou, entre outros jornalistas, o cartunista Georges Wolinski. Assassinatos que foram motivados por caricaturas sobre o Islamismo e seu profeta, Maomé. O segundo momento, trata-se de uma piada feita ao vivo pelo próprio comediante sobre a cantora brasileira Wanessa Camargo e seu filho, na época ainda em gestação, na bancada do programa CQC⁵ (Custe o que Custar), transmitido pela Bandeirantes, canal aberto da televisão brasileira.

Rafinha Bastos questionou a opinião pública que, na época, o condenou pelas piadas e os fatos subsequentes: sua demissão do programa de televisão e a retirada dos seus DVD's de *Stand Up Comedy*⁶ das lojas. Ele utiliza como exemplo, a fala do escritor Ziraldo a um programa da TV Cultura. Na época, o autor se pronunciou sobre o caso Wanessa e, em outro momento, sobre o atentado ao jornal francês. Para estudar esse caso, ao longo deste artigo, buscaremos nos aprofundar em teóricos da Análise do Discurso.

Pensando nas pluralidades de significações da linguagem, estudiosos começaram a se interessar por uma maneira particular de estudá-la, dando origem à Análise de Discurso. Há muitas maneiras de se estudar a linguagem. Pode-se considerar a Linguística, que trata a língua enquanto sistema de signos ou sistemas de regras formais. Ou concentrar-se nas normas de bem dizer, tendo a Gramática.

O discurso é, assim, entendido como a palavra em movimento, a prática de linguagem; com o estudo do discurso observa-se o homem falando. Procura-se compreender a língua fazendo sentido e trabalhá-la no mundo, sem separar a forma do conteúdo e buscando entendê-la não só como uma estrutura, mas, sobretudo, como acontecimento.

Para encontrar as regularidades da linguagem e sua produção, o analista do discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade, levando em conta o homem na sua história, os processos e as condições de produção de linguagem, a relação estabelecida pela língua com

⁵ Programa de televisão humorístico brasileiro, de frequência semanal, produzido pela Eyeworks e exibido pela Rede Bandeirantes de 2008 a 2015, totalizando oito temporadas e 339 episódios.

⁶ Termo que designa um espetáculo de humor executado por apenas um comediante, que se apresenta geralmente em pé, sem cenários, caracterização ou o recurso teatral da quarta parede, diferenciando-se de um monólogo tradicional.

os sujeitos, e as situações em que se produz o dizer. Os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da Linguística.

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha-se a relação língua-discurso-ideologia (ORLANDI, 2009, p. 17). Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1957), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Logo, o indivíduo é tomado como sujeito discursivo pela ideologia, e é assim que a língua fez sentido, produzindo por e para os sujeitos.

Assim, para a Análise do Discurso: a língua tem sua ordem própria, mas só é relativamente autônoma; a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos); e o sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo controle sobre o modo como elas o afetam.

Portanto, segundo a pesquisadora, professora e linguista Eni Orlandi, em sua obra “Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos”, o discurso é uma pluralidade de efeitos e fatos interligados, que não podemos contrapor:

As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeitos de sentidos entre locutores. (...) O discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto. (ORLANDI, 2009, pp. 21-22).

Rafinha Bastos ao defender sua posição, não se limita ao momento presente (janeiro de 2015). Para corroborar a sua tese de que houve incoerência da opinião pública, ele se volta para a repercussão de um caso que aconteceu quatro anos antes. Retomando as noções populares de qual era o limite da liberdade de expressão em 2011 - caso Wanessa - e qual passou a ser o limite em 2015 - caso Charlie Hebdo.

Desse modo, o discurso do vídeo produzido por Bastos será o *corpus* deste trabalho, analisando-o com bases nos aportes metodológicos da Análise do Discurso. Para

isso, é importante reforçar a definição de sujeito, enquanto aquele que é tomado por uma ideologia que irá refletir as suas escolhas discursivas.

A DESCRIÇÃO DO VÍDEO “JE SUIS CHARLIE E EU” E O DIZER DE RAFINHA BASTOS

Para analisar o vídeo, seu tema, subtemas e os momentos que retoma, optou-se por dividi-lo em seis trechos. Para situar o leitor, serão destacados termos relevantes para a análise.

Nos primeiros 12 segundos, Rafinha Bastos se diz confuso sobre a reação popular após a morte dos cartunistas. “Eu...eu tô muito confuso com tudo que aconteceu na França, com a morte dos cartunistas e com a maneira que a gente tá reagindo a respeito desse assunto”. Para se expressar, ele utiliza a expressão “a gente”, que denota além de aproximação com o tema e o espectador, uma noção de cobertura midiática e repercussão do caso, de opinião pública.

Logo após o atentado de 7 de janeiro de 2015, a hashtag “*Je Suis Charlie*” alcançou os *Trending Topics*⁷ mundiais e foi utilizada em manifestações públicas nas ruas, nas mídias sociais e por órgãos governamentais em homenagem aos cartunistas assassinados e apoio à liberdade de expressão.

Dos doze segundos até os vinte iniciais, ele trata da mudança de visão no que tange a liberdade de expressão em duas situações. Para se entender o vídeo e todo o discurso de Rafinha Bastos, é preciso voltar quatro anos antes do ocorrido com os jornalistas do “*Charlie Hebdo*”.

No dia 19 de setembro de 2011, a frente da bancada do programa CQC, com transmissão ao vivo, Rafinha Bastos disse: “eu comeria ela e o bebê. To nem aí... To nem aí”, em resposta ao comentário do colega Marcelo Tas sobre a cantora Wanessa - “Que bonitinha que está a Wanessa Camargo grávida”-, após uma matéria em que a intérprete

⁷ Ranking dos assuntos mais comentados no Twitter.

aparecia. Na época, a piada causou o repúdio da opinião pública, o afastamento de Rafinha do humorístico e um processo movido por Wanessa e seu marido, Marcus Buaiz. A ação condenou o comediante ao pagamento de multa no valor de 150 mil reais por danos morais à cantora e a sua família.

Já em janeiro de 2015, ocorreu o ataque aos chargistas na sede do satírico jornal francês, que deixou 12 mortos. O atentado foi motivado pelas inúmeras caricaturas debochando dos líderes muçulmanos e seu profeta Maomé. A redação já havia sido alvo de um incêndio criminoso, em 2011, pelo mesmo motivo. Entre as vítimas, estava o editor da publicação, o cartunista Stéphane Charbonnier, conhecido como Charb.

Ao contrário do que houve com o caso “Wanessa”, a opinião pública apoiou o direito dos cartunistas de se manifestarem por meio das charges e caricaturas. Nos próximos 14 segundos, o *youtuber* * retoma a censura os DVD’s de *Stand Up Comedy* que sofreu e a reação popular às suas piadas.

O DVD “A Arte do Insulto” de Rafinha Bastos, teve sua comercialização proibida em 2012, por ação proposta pela APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), por uma menção feita a associação e que, segundo ela, feria “à honra e à imagem” das pessoas com deficiência intelectual, chamadas de “retardados” no vídeo. A liminar da 2ª Vara Cível da Capital de São Paulo determinou que o DVD não podia circular nem na televisão, nem na internet. Para cada dia de desobediência, a multa seria de 20 mil reais, e por cada menção a APAE ou a pessoas portadoras de deficiência de maneira degradante, 30 mil. Essa decisão reabriu a discussão sobre liberdade de expressão e censura. Mais um fato que causou impacto negativo em relação a mídia e o público, porém, em menor proporção que o caso “Wanessa”.

O apresentador menciona as piadas que causaram maior polêmica e o porquê da repercussão diferente em relação às charges francesas, dos 34 aos 47 segundos de vídeo. O fato dos chistes de Bastos causarem alarde, polêmica e processos é recorrente. Suas tiradas e satirizações são quase sempre ácidas e provocativas. É conhecido por não ter receio de

quem suas proposições atingem, sejam pessoas públicas ou grupos minoritários. Como no caso “Wanessa” e “APAE”, citados anteriormente.

Nesse trecho, ele se atem ao que o difere dos cartunistas assassinados e ironiza a opinião popular, que diz que no caso dele a luta pela liberdade de expressão é só uma oportunidade para se autopromover. “Mas aí não, mas aí é o Rafinha, o cara é babaca, o cara ganha dinheiro, o cara tá na televisão...é mais fácil”. Nessa parte, Rafinha Bastos se coloca como 3ª pessoa, relata o que acredita que os outros pensam a seu respeito. E diferencia os meios em que as piadas dele e as dos jornalistas foram veiculados (TV e jornal, respectivamente). Ele satiriza a visão de que o objetivo dos jornalistas europeus é mais nobre. E questiona o imaginário coletivo de dinheiro e fama, quando fala sobre televisão.

A partir dos 47 segundos até 1 minuto e 48 segundos, Rafinha Bastos traz a fala de Ziraldo, no programa da TV Cultura, sobre o caso “Wanessa”, e comenta a falta de coerência dele, quando o escritor defendeu a liberdade de expressão dos cartunistas em outras plataformas. No seu primeiro posicionamento, no “Observatório de Imprensa” da TV Cultura: “Esse menino é doente, se me desculpa. E se eu fosse pai ou marido dela, dava um tiro na cara dele. Mas isso aí não tem nem dúvida.”, referindo-se a Rafinha (menino) e Wanessa (dela), respectivamente. Ziraldo inicia sua fala usando o termo “menino”, que transmite imaturidade, inconsequência, e sugere o uso da violência contra o comediante com o vocábulo “tiro”. Tiros foram o que causaram a morte dos cartunistas franceses. Por isso esse trecho do “Observatório de Imprensa” é de suma importância para entrelaçar os dois momentos, a escolha não foi ao acaso.

Num segundo momento, para a Folha de S. Paulo, Ziraldo opina sobre os jornalistas:

Você repara uma coisa: de todos os atentados que a gente tem notícia, contra mulheres, crianças, aquelas decapitações, o que mais chocou o mundo foi esse de Paris agora. Porque foi um atentado contra a liberdade,

estão tentando acabar com a nossa liberdade de pensar. (ZIRALDO, 2015, Folha de S. Paulo⁸).

Rafinha Bastos ilustra, nesse momento, a sua crítica a uma incoerência coletiva, pelo contraste dos dois depoimentos de Ziraldo. O embate, principalmente, se dá sobre o que é válido, pra quem é válido e em que momento é válido dizer, usando a premissa da liberdade de expressão. E porque calar um humor, que atinge a classes e grupos minoritários, usando a violência, pareceu uma boa alternativa em 2011 e parece condenável e repulsivo em 2015. E termina usando exemplo de sua vida pessoal para dizer que a luta que ele trava pela liberdade de expressão não objetiva justificar preconceitos e opressão de minorias.

O comediante conclui, do meio do vídeo até o final dos seus 3 minutos e 39 segundos de duração, dissertando a respeito da liberdade de expressão do comediante, e o que o faz engraçado ou não. Ele adentra ainda mais o espaço cômico e afirma que não pode haver censura nem do autor da piada sob ele mesmo. E também explica o processo criativo de um humorista, esclarecendo que a única forma de saber se algo funciona, se é engraçado ou não, é fazendo.

O DISCURSO DE RAFINHA NO VÍDEO “JE SUIS CHARLIE E EU”

Quando se pensa no tema “liberdade de expressão”, o discurso do escritor, cartunista e chargista Ziraldo no caso “Wanessa” é disfórico, ou seja, é discordante dos julgamentos e padrões morais que envolvem o discurso de liberdade. Seu segundo discurso - caso “Charlie” - no entanto, é eufórico, concordante em relação ao mesmo tema.

Para darmos continuidade ao desenvolvimento da análise, é necessário levar em consideração o lugar de fala do destinador-enunciador, daquele que produz o discurso. Neste caso, Rafinha Bastos: empresário, jornalista, humorista e apresentador. Dessas diversas vozes que perpassam seu discurso, a que sobressalta é a do humorista. Ele é

⁸ Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/01/1571670-cartunistas-lamentam-a-morte-de-george-wolinski-vitima-de-atentado.shtml>. Acesso em: 02/02/2015

tomado pelo discurso hegemônico dos comediantes de não estabelecer uma fronteira para o humor, nem mesmo a autocensura. É essa a voz que articula toda a argumentação de Bastos, organiza os fatos que são retomados por ele ao longo do vídeo e amarra seu ponto de vista. O que significa que nenhuma de suas escolhas discursivas foram ao caso, todos os trechos selecionados reforçam seu lugar de fala como humorista. A carreira de Bastos começou produzindo vídeos independentes para sua página na internet, obteve reconhecimento na TV, a frente do “CQC” e “A Liga”, ambos programas da rede Bandeirantes, além de ter sido escolhido pelo *The New York Times* (em 2011, mesmo ano do comentário sobre Wanessa) como a personalidade mais influente do Twitter.

Fazendo frente a ele, Ziraldo Alves Pinto, também jornalista, escritor, cartunista e chargista, que além de colega de profissão, era amigo pessoal do cartunista assassinado Georges Wolinski. Ziraldo também foi fundador e posteriormente diretor de um tabloide de oposição militar: “O Pasquim”. O que significa que a luta pela liberdade de expressão não é novidade em sua carreira. Nas palavras dele: “O Wolinski, apesar de ter coragem de comprar essa luta, era muito tranquilo no trato. Nós somos da mesma geração, e como ele mesmo dizia, somos uma comunidade internacional. Eu sempre o via quando ia Paris”. Esse dizer denota sentimento de pertencimento, de proximidade. Os dois compartilhavam o mesmo ofício e objetivos, o mesmo lugar de fala.

O audiovisual analisado foi postado no canal pessoal de Rafinha Bastos no *YouTube*, portanto, de total responsabilidade dele, inclusive a montagem realizada com o trecho do depoimento de Ziraldo. As declarações do escritor presente neste artigo foram veiculadas em dois meios diferentes, TV e jornal. Porém, o vídeo só apresenta a entrevista para TV e apenas comenta a declaração para o jornal, não apresentando-a na integralidade de seu conteúdo. Neste contexto, cabe o que Pêcheux define como esquecimentos ideológicos, que são as escolhas que deixamos de fazer. Aquilo que omitimos, que deixamos de incluir no discurso e que interfere na interpretação de sua materialidade. A análise do discurso examina não só o que está escrito ou falado, mas o que deixou de ser e porque razão:

(...) o esquecimento ideológico: ele é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existentes (...). Na realidade, embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como originando-se em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isto que significam e não pela nossa vontade. (ORLANDI, 2009, p. 35)

Estes pouco mais de três minutos de filmagem retomam uma sucessão de fatos, que são relacionados na análise do vídeo. Os sujeitos Rafinha Bastos, Ziraldo, o público do vídeo, quer dizer, o sentido apreendido a partir dessas relações, nos remetem às questões ideológicas. A partir das referências já citadas pelo próprio produto audiovisual, é preciso ponderar o lugar de fala de cada um, suas vivências, impressões e perspectivas, itens que vão orientar o indivíduo para uma ou outra ideologia. Ideologia esta, já montada, afirmada e reafirmada por pensadores, historiadores, militantes, etc. Nesse sentido, Bastos assume um ponto de vista enquanto humorista. É este seu lugar de fala, e é com as ideologias defendidas por esta voz que ele forma seu discurso.

O produto midiático analisado utiliza, segundo Orlandi (1989), o discurso polêmico: “discurso polêmico: aquele em que a polissemia é controlada, o referente é disputado pelos interlocutores e este se mantém em presença, numa relação tensa de disputa pelos sentidos” (ORLANDI, 2009, pág. 86). Ou seja, por sua ótica o vídeo mantém os muitos sentidos atribuídos controlados, o que significa que existe um universo ilimitado de sentidos, mas dentro de uma área de significação limitada: o referente. Os interlocutores são os espectadores dele, que assistem e conseguem assimilar a mensagem transmitida.

Segundo a mesma obra de Orlandi: “O discurso polêmico é possível e configura-se como uma prática de resistência e afrontamento” (ORLANDI, 2009, pág. 87). A prática de Rafinha Bastos nesse vídeo e nas suas demais produções se mantém nessa lógica de resistência, por mais que ele enfrente figuras públicas, entidades, organizações, e até tribunais, ele mantém a mesma postura, que é assumida como enunciador do discurso enquanto humorista e figura pública, e não como a pessoa Rafael Bastos.

De acordo com a Teoria da Polifonia⁹ (Carel e Ducrot, 2009, in “Enunciação e Discurso, 2012, p. 159¹⁰) todo enunciado tem um autor que é responsável pela introdução dos conteúdos que formam o discurso e pela postura que toma em seu decorrer. Este autor, também chamado de locutor, tem maneiras de dizer, divididas em duas variáveis: a Atitude Discursiva do Locutor e a Pessoa.

Pela Atitude Discursiva, o locutor indica por qual conteúdo inserido no discurso ele se responsabiliza. Já na maneira de dizer pelo parâmetro da Pessoa, definem-se quais são os diferentes conteúdos num discurso, garantidos por outros sujeitos. Durante o audiovisual, Bastos se coloca como autor com maneira de dizer pela Atitude Discursiva, assumindo a responsabilidade pelo discurso enquanto humorista, questionador da opinião pública sobre seu trabalho satírico e defensor da liberdade de expressão para os comediantes.

Além de se colocar como autor/locutor, Rafinha Bastos também retoma todo um período e sua historicidade durante o vídeo, a fim de afirmar seu posicionamento. Nos postulados teóricos de M. Foucault, conforme disserta a professora doutora Rosa Maria Bueno Fischer:

(...) qualquer objeto, na sua materialidade, existe sempre sob condições muito específicas de tempo e espaço, e é inseparável dos quadros formais no interior dos quais se constituiu, pelos quais foi nomeado e, assim, se tornou uma “coisa dita” deste e não daquele modo - incluindo-se aí todas as variações possíveis em certo período histórico e em certo lugar. (FISCHER, 2013, p. 124)

Sua questão sobre o que mudou da relação com a liberdade de expressão ocorre devido a um fato contemporâneo à sua fala, porém em comparação à outro caso que ocorreu quatro anos antes. Isso demonstra como a linguagem e os discursos transcendem a temporalidade do agora, adquire novas significações e deixa a discussão sempre em aberto.

⁹ Definida como a presença de outros textos dentro de um texto, causada pela inserção do autor num contexto que já inclui previamente textos anteriores que lhe inspiram ou influenciam. (ROMAN, Artur Roberto. **O conceito de Polifonia em Bakhtin**. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/viewFile/19126/12426>).

¹⁰ FANTI, Maria da Glória di. BARBISAN, Leci Borges (org.). **Enunciação e discurso: tramas de sentido**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Análise do Discurso nos permite adentrar em um estado de reflexão sobre a linguagem, o sujeito, a história e a ideologia. E saber como os discursos funcionam é se colocar diante de condições de produção e memórias discursivas. Segundo Orlandi, há a “memória institucional, que estabiliza e cristaliza”, e, simultaneamente, a “memória constituída pelo esquecimento, que é o que torna possível o diferente, a ruptura, o outro”. (ORLANDI, 2009, pág. 10)

Manifestam-se os dois tipos de memória durante os quase quatro minutos de fala de Rafinha Bastos. A institucional conforme uma série de fatos pontuais (de maior e menor relevância histórica) são retomados e narrados para que se construa a argumentação. E a memória constituída pelo esquecimento, que determina quais fatos serão lembrados e de que forma serão retomados. .

Ao longo da produção “*Je Suis Charlie e eu*”, Rafinha Bastos elucida quais são as particularidades que o diferenciam dos cartunistas assassinados do jornal satírico *Charlie Hebdo* e como a interferência do poder institucionalizado e da mídia legitimam um processo como a luta pela liberdade de expressão. A proporção que o movimento “*Je Suis Charlie*” tomou foi mundial e passou pelo apoio de governos e militâncias. Já no caso da piada que faz referência a cantora Wanessa Camargo, o cenário era outro, restrito ao Brasil, e atingia um número consideravelmente menor de pessoas.

Sob a ótica do vídeo, conclui-se que, mesmo com as piadas e sátiras atingindo um povo, seus valores religiosos e uma doutrina, a luta pela liberdade de expressão passou a ser uma bandeira interessante de ser levantada. Até mesmo para pessoas influentes que se colocaram contra a piada de Bastos, a perspectiva em relação à liberdade de expressão mudou.

Rafinha Bastos comparou, no audiovisual “*Je suis Charlie e eu*”, casos distintos, que ocorreram em épocas e lugares diferentes, para defender seu posicionamento a respeito da liberdade de expressão do comediante. Esta análise identificou que o fato dele trazer

especificamente o caso “*Charlie Hebdo*” (contemporâneo a sua fala) foi uma escolha ideológica, pois o jornal também utiliza o discurso polêmico, porém, através de outra linguagem: as charges. O que une os dois momentos é tal configuração de discurso. A diferença é a discordância da opinião pública *versus* o apoio da opinião pública. Esta é a discussão principal do vídeo, e foi o foco de análise deste artigo.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Rafinha. “**JE SUIS CHARLIE E EU**”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1L0syAOyRG0>> Acesso em: 27/01/2015.

BONFIM, Rafael. **DVD de Rafinha Bastos tem venda proibida por conter piada sobre deficientes intelectuais**. Gazeta do Povo, 04 de fevereiro de 2012. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/inclusilhado/dvd-de-rafinha-bastos-tem-venda-proibida-po-r-conter-piada-sobre-deficientes-intelectuais/>>. Acesso em: 02/02/2015

_____. **Cartunistas lamentam a morte de Georges Wollinski, vítima de atentado**. Folha de S.Paulo, 07 de janeiro de 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/01/1571670-cartunistas-lamentam-a-morte-de-george-wolinski-vitima-de-atentado.shtml>>. Acesso em: 02/02/2015

FISHER, Rosa Maria Bueno. Foucault. IN: OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Estudos do Discurso: Perspectivas Teóricas**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 123-152.

_____. **Justiça diz que Rafinha não cometeu injúria contra feto de Wanessa**. UOL, 01 de fevereiro de 2013. Disponível em: <<http://celebridades.uol.com.br/noticias/redacao/2013/02/01/justica-diz-que-rafinha-nao-cometeu-in-juria-contra-feto-de-wanessa.htm>>. Acesso em: 05/02/2015

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 8ª ed. Campinas: Pontes Editora, 2009.